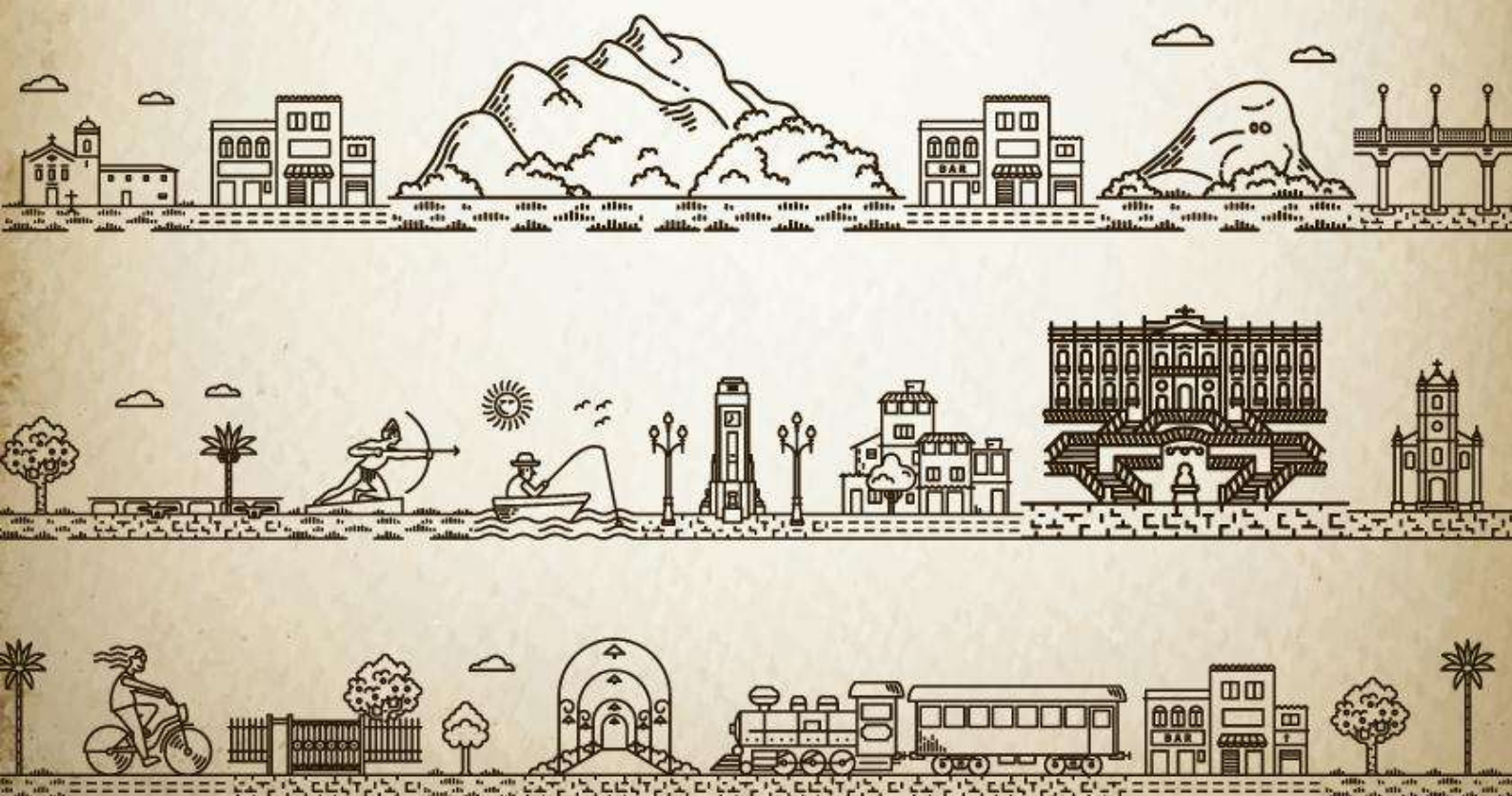


*Glosando espaços capixabas:
uma antologia poética baseada em Cidadilha,
de Luiz Guilherme Santos Neves*

Organizado por
Fabiana Nicoli Dias e Yan Brandenburg



Fabiana Nicoli Dias
Yan Brandenburg
Organização

*Glosando espaços capixabas:
uma antologia poética baseada em Cidadilha,
de Luiz Guilherme Santos Neves*

PPGL/Neples
Vitória – 2019

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Reinaldo Centoducatte

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora: Arlene Batista da Silva

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Coordenador: Paulo Roberto Sodré

Catálogo:

Saulo de Jesus Peres – CRB 12/676

Revisão:

A(o)s autora(s)

Diagramação:

Fabiana Nicoli Dias

Capa:

Mariana Simões (Supecc-Ufes)

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais da
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G563 Glosando espaços capixabas [recurso eletrônico] : uma antologia poética baseada em Cidadilha, de Luiz Guilherme Santos Neves / Fabiana Nicoli Dias, Yan Brandenburg, organização. – Dados eletrônicos. - Vitória : Ufes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

ISBN: 978-85-99345-32-0

Modo de acesso: <https://blog.ufes.br/neples/?page_id=36>.

1. Poesia brasileira. I. Dias, Fabiana Nicoli, 2000-. II. Siqueira, Yan Patrick Brandenburg, \$d 1990-.

821.134.3(81)-1

Elaborado por Saulo de Jesus Peres – CRB6 ES-676/O

A Paulo Roberto Sodré, o agradecimento pelas gentis e
pacientes orientações.

*Morrem assim os acendedores de lampiões de Cidadilha na
Rua do Fogo. Morrem condignamente cremados no nobre
mister de iluminar os logradouros da cidade, para que esta
brilhe sempre com a graça e elegância de um presépio.*

Luiz Guilherme Santos Neves

SUMÁRIO

Prefácio | 8

Yan Brandenburg

Introdução | 12

Fabiana Nicoli Dias

Para animar toda essa gente | 18

Amanda da Silva

Lembrança da infância | 19

Ana Paula Miranda Costa Bergami

Recordar para não esquecer | 20

Ana Rosa Barbosa Boueri

O Palácio Santa Clara | 21

Anaximandro Amorim

For ma ção | 22

Arthur Nielsen Lago

Locus pacis | 23

Beatriz Ribeiro de Oliveira

Pássaro de fogo | 24

Bruna Simon

18 de maio, 1973 | 25

Evandro Ramos

Ilha da Pólvora | 26

Fabiano de Luna Fonseca

Rod'água | 27

Francisco Quenupe

Nova vila de Vila Velha | 28

Gabriel Bravim

Ponta da Fruta | 29

Geyciane Scardua

Trabalha e (des)confia | 30

Isadora Pissarra Gobetti

Praia da Baleia | 31

Jéssica Adriana Araújo Salvattori Ferreira

Arritmia noturna | 32

João Victor Sales

Laranj_sem eira nem beira | 33

Lilian Chagas Barbosa Pigatti

Morro da Penha | 34

Luan Coradini

Estrada do bonde | 35

Marcos Vinicius de Paula Siqueira

A Vida, a mulher e o céu | 36

Rodrigo Kill

A fonte | 37

Rodrigo Sarter Sodré

Estruturas violentas | 38

Rhuan Cruz

A enseada dos pescadores | 39

Sávio Henrique Alves Escobar

Mar Azul I | 40

Thayná Cruz Neves

Cidade de Deus | 41

Thaynara Souza Batista

Uma feroz experiência singular | 42

Thomas Ventura De Nardi

PREFÁCIO

Dante demorou vinte anos para escrever *A Divina Comédia*. Para terminar *Fausto*, seriam cinquenta e cinco anos empregados por Goethe. Mallarmé, trinta longos anos, para finalizar *Um lance de dados*¹. E o que isso revela? Talvez, a necessidade de paciência frente ao escrito ainda inacabado ou, ainda, a exigência de certa maturação, e uma constante revisão, do escritor com o próprio projeto – caso o desejo levar a sério; ou, se ainda mais ambicioso, tornar-se eterno. A demora na produção literária não significa improdutividade, mas a manifestação de um longo e árduo trabalho: é o risco de um gesto sempre incompleto e, portanto, inacabado.

Contudo, um tempo muito mais curto foi solicitado para os alunos do “Laboratório de Práticas Culturais: Criação Literária: Gêneros” oferecido pela Universidade Federal do Espírito Santo no primeiro semestre de 2019. O prazo de um mês – no curto espaço de apenas quatro encontros semanais com duração de quatro horas cada – foi o estabelecido para não só compreender alguns pontos sobre o gênero poema, mas também realizar sua produção. Dessa forma, inspirados na obra *Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente*, de Luiz Guilherme Santos Neves, os discentes deveriam produzir uma glosa que possuísse como eixo principal a reinvenção literária de um logradouro da cidade onde moravam. Ou seja, a forma (glosa poética) e o tema (o lugar onde mora) foram pré-estabelecidos e a produção dos alunos deveria partir desses pontos e, paralelamente, reter-se neles.

Geir Campos, em seu *Pequeno dicionário de arte poética*, define a glosa como o gênero poético escrito em décimas que repetem o *mote* (versos iniciais que apresentam o tema do poema). Essa repetição, tradicionalmente, ocorre ao final de cada estrofe. Além disso, devem existir tantas décimas quantas forem as linhas do mote. Isto é, se um mote apresentar dois versos é necessário também que sejam escritas duas estrofes. Há, por fim, um esquema de rima tradicional (*abbaaccddc*). Entretanto, para nossa atividade, dispensamos a busca de uma métrica regular e nos aproximamos muito mais de glosas contemporâneas como as produzidas por Patativa do Assaré. O poeta e repentista cearense, autor de glosas de teor social como “Prefeito sem prefeitura”, ou as famigeradas “Glosas

¹Informações retiradas do livro *O que é comunicação poética* de Décio Pignatari.

sobre o comunismo”, embora mantenha a regularidade da rima e da métrica, dispensa, muitas vezes, a igualdade entre a quantidade numérica de versos do mote e de estrofes do poema.

Em vista disso, e com muito mais liberdade para adentrar esse gênero poético, lemos, em aula, excertos de *Cidadilha*. Assim, as recriações da ilha de Vitória e o universo ficcional concebido a partir dela foram discutidos. Capítulos como “O placar das estatísticas” no qual é narrado acerca de um placar de algoritmos arábicos, cravado próximo ao cais, cuja numeração indicava a quantidade dos afogados nas “águas nojentas da baía”; ou o capítulo “Rua do Egito”, reinvenção literária da Rua Francisco Araújo, em que descobrimos a *verdadeira história* dos embalsamadores de cadáveres do centro de Vitória, revelariam as imensas possibilidades inventivas para os alunos.

Dessa maneira, estimulado o estudo e a investigação da realidade histórica capixaba para a criação literária, bem como a observação de diferentes aspectos regionais, culturais e artísticos, incentivamos – sim, no plural, pois a colaboração de Fabiana Nicoli foi imprescindível – a reinvenção poética da realidade. Este livro é, portanto, fruto da colaboração dela e de seu trabalho na disciplina “Laboratório de Práticas Culturais: Seminário de Extensão III” ofertada, também no primeiro semestre de 2019, pelo professor Paulo Roberto Sodré. Além de auxiliar na elaboração da proposta de produção das glosas, Fabiana realizou uma leitura guiada de *Cidadilha* e seus apontamentos para interpretação da obra foram preciosos, precisos e, também, essenciais.

O resultado é a invenção do mito da “Praia da Baleia” de Jessica Adriana; o reencontro com a espiritualidade do poema “A Vida, a mulher e o céu” de Rodrigo Kill e a descrição da fé em “Morro da Penha” de Luan Coradini; o afeto perpetuado pelo alcance da memória em “Recordar para não esquecer” de Ana Rosa Boueri e “Lembrança da infância” de Ana Paula Miranda Costa Bergami; o apurado registro histórico de “O Palácio Santa Clara” de Anaximandro Amorim; a boêmia fundida à lama de “Arritmia noturna” de João Victor Sales; o vocabulário simples combinado com a valorização do saber de Arthur Nielsen Lago em “For ma ção”; a reescrita poética da lenda capixaba em “Pássaro de fogo” de Bruna Simon; o impasse frente à valorização de nossos colonizadores em “Estruturas violentas” de Rhuan Cruz; os versos cortantes e a denúncia de Evandro Ramos em “18 de maio, 1973”; o medo imposto pelas acusações de *balbúrdia* em “Uma feroz experiência singular” de Thomas Ventura De Nardi; as aliteraões assobiantes em “Nova vila de Vila Velha” de Gabriel Bravim; a diferença de classes sociais de Geyciane Scardua em “Ponta

da Fruta”; a lembrança de reclusão dos leprosos da “Ilha da Pólvora” escrita por Fabiano de Luna; a rememoração de um dos personagens mais importantes da historiografia capixaba por Isadora Pissarra Gobetti no poema “Trabalha e (des)confia”; a celebração do forró em “*Locus Pacis*” de Beatriz Ribeiro de Oliveira; a dança, a festa e a religiosidade do congo em “Rod’água” de Francisco Quenupe e em “Para animar toda essa gente” de Amanda da Silva; o relato sensível da vida de um pescador em “A enseada dos pescadores” de Sávio Henrique Escobar; a diferença entre gerações refletida nos logradouros com nome de escritores de “Laranj sem eira nem beira” de Lilian Pigatti; a sensibilidade perdida no labirinto de concreto em “Mar Azul I” escrito por Thayná Cruz; a perda da humanidade oriunda do esquecimento em “A fonte” de Rodrigo Sarter Sodré; a personificação oriunda do lixo apreciado por urubus em “Cidade de Deus” de Thaynara Souza Batista e o resgate milimétrico da “Estrada do Bonde” de Marcos Vinicius de Paula Siqueira.

Todas essas produções foram lidas, discutidas e analisadas por toda a turma em sala de aula. Como consequência, o discente, na condição de autor, guardaria as sugestões dos colegas para repensar sua glosa e, no prazo de uma semana, reescrevê-la. Dessa maneira, a máxima “se você não reescreve, você não escreve” de Reinaldo Santos Neves², experimentada pelos alunos, revelou a condição necessária do cuidado e da parcimônia com a revisão crítica do texto literário. Ademais, a experiência estética do inacabado e a coragem de conceber e receber críticas diante a um público diverso é, no mínimo, enriquecedor, se não transformador – seja para o bem, ou para o mal.

A publicação dessas produções poéticas materializa a possibilidade dos estudos acerca da criação literária e sobre seus bastidores dentro do ambiente universitário. Por outro lado, se como Cecília Almeida Salles explicita, a escrita de literatura é sempre um gesto inacabado – um processo de maturação e metamorfose contínua condizente ao sentimento de incompletude com a própria obra –, uma conclusão possível, frente a este livro, é aguardar a maturação desse processo nos novos autores. E, talvez, com a paciência dos anos, que essas breves glosas tornem-se o registro de suas primeiras tentativas.

Boa leitura.

Yan Brandenburg³

Vitória, Junho de 2019.

² Citação disponível no site Estação Capixaba, de Maria Clara Santos Neves (2000-).

³ Yan Brandenburg é mestre em Letras e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

Referências:

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. 8. ed. Cotia: Ateliê, 2005.

CAMPOS, Geir. Glosa. In: _____. *Pequeno dicionário de arte poética*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1988?].

NEVES, Reinaldo Santos. O ato de escrever. In: NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. *Estação Capixaba*. Vitória: 2000-. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/03/quem-somos.html>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

INTRODUÇÃO

ACENDEDORES DE LAMPIÕES: glosas inverossímeis de um estado inexistente

A organização desta antologia literária de autores iniciantes decorreu do Laboratório de Práticas Culturais: Seminário de Extensão III, orientado pelo professor Paulo Roberto Sodré. A disciplina⁴ prevê a realização de uma atividade concernente ao projeto de extensão Literatura do Espírito Santo, desse professor, atrelado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples).

Esta antologia resulta, por sua vez, da recolha de poemas desenvolvidos pelos graduandos matriculados na disciplina Laboratório de Práticas Culturais: Criação Literária (gêneros), sob orientação do professor Yan Brandenburg, igualmente desenvolvida na Ufes.

Durante uma aula ministrada por Sodré, surgiu a nós, estudantes, uma questão. Seria o processo de criação literária e sua veiculação uma atividade potencialmente extensionista, visto que parte considerável de escritores capixabas está em contato com a Universidade e que essa produção, em alguma medida, circula pelo meio extra universitário? Propus-me, com a orientação do professor, a tentar exercer a Extensão por meio dessa potência da literatura, organizando uma antologia subsequente à recolha de glosas poéticas produzidas por graduandos da Ufes, que tenham como ponto de partida o artifício utilizado por Luiz Guilherme Santos Neves, em *Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente*⁵: a reinvenção literária de logradouros de uma cidade.

A realização da atividade seguiu duas etapas: incentivo à escrita criativa e edição da antologia propriamente dita. A primeira consistiu no estímulo à elaboração escrita de glosas poéticas que, por meio de uma relação intertextual com a obra de Santos Neves, recriassem literariamente um lugar em que o autor do poema reside. Dessa forma, Brandenburg e eu sugerimos aos participantes que as glosas fossem realizadas em tantas décimas quantos fossem os versos ou linhas do mote, que nelas deveria ser retomado. Aconselhamos, ainda, que o mote anunciasse o logradouro escolhido e que as décimas seguissem o esquema de

⁴ Desenvolvida em 2019-1, a disciplina do Curso de Letras-Português foi ofertada pelo Departamento de Línguas e Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁵ NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente*. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/arquivo/cidadilha/cidadilha_01.htm>. Acesso em: 20 mar. 2019.

rimas tradicionalmente usado para a montagem dessa estrutura poética (abbaaccddc), sem, contudo, apontarmos um sistema métrico específico.

Essa proposição foi apresentada aos graduandos após breve leitura e comentário sobre excertos da obra de Luiz Guilherme (“A chegada”, “Por que era melhor não ter chegado”, “O placar das estatísticas”, “Um mistério intrigante”, “A Escadaria das Pobres Figuras” e “A Rua do Egito”). A adequação às orientações expostas não foi, no entanto, tomada como requisito para o aproveitamento das glosas nesta antologia. Aqui, encontram-se tanto poemas que seguem as sugestões evidenciadas como outros que escapam a elas, mantidos, a despeito disso, pela fidelidade ao processo intertextual. A seleção dos textos ocorreu na medida que somente as composições vinculadas a essa proposta foram aqui apresentadas, e não todas as produções desenvolvidas na disciplina.

Buscamos, por meio da associação da obra de Santos Neves, autor de lugar expressivo no eixo literário espírito-santense⁶, à produção de graduandos, iluminar uma composição de relevância local e, ao mesmo tempo, demonstrar o valor da escrita literária desenvolvida por sujeitos em início de sua formação acadêmica e literária.

Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente parte da noção arcaica de crônica como historiografia e, ao mesmo tempo, aproveita a noção atual do gênero a partir da existência de certa autonomia entre os fragmentos da obra e do tom de comentário sobre a passagem de um viajante que visita a ilha ou o cotidiano dos estranhos ilhéus. O autor recria logradouros da cidade de Vitória e, como em outras de suas produções, se debruça sobre aquilo que a historiografia não trata, de forma a entrar em um jogo de preenchimento literário de vazios⁷. Dessa forma, a sucessão das crônicas e a apresentação de personagens novos e antigos da cidade-ilha propõem um cruzamento de temporalidades e espaços. Esse confronto exprime a condensação de realidades várias e não sua síntese conciliadora. O teor fragmentário do discurso literário de Luiz Guilherme rompe, assim, com uma concepção de História unívoca – perspectiva que vem sendo questionada pelos próprios historiadores – ao

⁶ Luiz Guilherme Santos Neves possui uma ampla produção literária em que estão inseridos *A Nau Decapitada*, de 1982; *As Chamas na Missa*, de 1986; *Torre do Delírio*, de 1992; *Passeio pelo Centro de Vitória na Companhia de Rubem Braga*, de 1992; *Escrivão da Frota*, de 1997; *Crônicas da Insólita Fortuna*, de 1998; *O Templo e a Força*, de 1999; *O Capitão do Fim*, de 2001; *Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente*, de 2008; *Tertulianas, de Tertuliano*; *Memória das Cinzas*, de 2009, e *Navegação em torno da ilha vislumbrada*, de 2014. Entre as obras infantis publicadas pelo autor estão *História de Barbagato*, de 1996; *Tião Sabará*, de 1999; *Eu Estava na Armada de Cabral*, de 2004; *Eu Estava no Começo do Brasil*, de 2007; *Crinquim e D. Pedro II em Nova Almeida*, de 2008; *Dona Lenda conta Lendas Capixabas*, de 2018.

⁷ OLIVEIRA, Luiz Romero de. Com quantas palavras se constrói uma estória? *Crônicas da insólita fortuna*, de Luiz Guilherme Santos Neves. In: BRAVOS companheiros e fantasmas: estudos críticos sobre o autor capixaba. Organização de Lino Machado, Paulo Roberto Sodré e Reinaldo Santos Neves. Vitória: Ufes, 2008. v. 3. p. 293-296, p. 294.

mesmo tempo em que dialoga com ela⁸. A escolha pelo uso dessa obra como ponto de partida para a elaboração dos poemas expostos nesta antologia está relacionada à compreensão de que ler *Cidadilha* é também praticar o “jogo de passos [que] moldam espaços. Tecem lugares”⁹, jogo a que os autores dos poemas aqui apresentados esperam ter dado continuidade, homenageando Luiz Guilherme e um de seus recursos literários fundamentais: a revisita irônica ao tempo e ao espaço registrados na História.

Desse trabalho de tecimento de espaços decorreu a predominância de alguns temas e a presença de escolhas, em certa medida, similares – sem que falte, é importante lembrar, as particularidades poéticas de cada produção. O resgate de elementos historiográficos do estado, reconstruído a partir de um tom ácido que resulta na crítica sócio-política e, por vezes, na ironia, pode ser observado em “O Palácio Santa Clara”, de Anaximandro Amorim; em “18 de maio, 1973”, de Evandro Ramos; em “Trabalha e (des)confia”, de Isadora Pissarra Gobetti, e em “Estrada do bonde”, de Marcos Vinicius de Paula Siqueira. A abordagem da problemática social e política é tratada também pelos poemas “For ma ção”, de Arthur Nielsen Lago; “Ilha da Pólvora”, de Fabiano de Luna Fonseca; “Ponta da Fruta”, de Geyciane Scardua; “Estruturas violentas”, de Rhuan Cruz; “Cidade de Deus”, de Thaynara Souza Batista, e “Uma feroz experiência singular”, de Thomas Ventura De Nardi. O tópico da temporalidade é evidenciado em “Lembrança da infância”, de Ana Paula Miranda Costa Bergami; “Recordar para não esquecer”, de Ana Rosa Barbosa Boueri; “Laranj_sem eira nem beira”, de Lilian Chagas Barbosa Pigatti, e “Mar Azul I”, de Thayná Cruz Neves. O poema “Lembrança da infância” também versa, junto com “Nova vila de Vila Velha”, de Gabriel Bravim; “Arritmia noturna”, de João Victor Sales; “A fonte”, de Rodrigo Sarter Sodré, e “A enseada dos pescadores”, de Sávio Henrique Alves Escobar, sobre o cotidiano em terras capixabas. Relatos orais, festas e lendas populares do Espírito Santo são recriados em “Para animar toda essa gente”, de Amanda da Silva; “*Locus pacis*”, de Beatriz Ribeiro de Oliveira; “Pássaro de fogo”, de Bruna Simon; “Rod’água”, de Francisco Quenupe; “Morro da Penha”, de Luan Coradini, e “Praia da Baleia”, de Jéssica Adriana Araújo Salvattori Ferreira. E, por fim, a glosa poética “Morro da Penha” também

⁸ DA ROS, Adrianna Meneguelli. O Capitão e o Vilão: O corpo em instável suspensão. In: BRAVOS companheiros e fantasmas: estudos críticos sobre o autor capixaba. Organização de Lino Machado, Paulo Roberto Sodré e Reinaldo Santos Neves. Vitória: Ufes, 2007. v. 2. p. 9-15, p. 11.

⁹ KOGURE, Linda; ESTEVES JUNIOR, Milton; AMARAL, Sérgio da Fonseca. Resistências e tramoias languageiras em *Cidadilha*: a cidade-ilha invertida de Luiz Guilherme Santos Neves. In: BRAVOS companheiros e fantasmas: estudos sobre o autor capixaba. v. 8. [Texto no prelo].

acompanha “A Vida, a mulher e o céu”, de Rodrigo Kill, na temática da sensibilidade religiosa.

Talvez você, leitor, se apresente, a este ponto, com um olhar cético dirigido à atitude por demais ambiciosa de uma atividade que pode lograr sucesso ou não. Talvez, quem sabe, eu mesma o estaria fazendo. Mas não seria esse olhar, que oscila entre a petulância e a inocência, que caracteriza a nós, graduandos? Por esta antologia, reivindico-o. Mas procuro, também, dosá-lo com a temperança, serenidade e prudência que tanto venho observando em vários professores nesses curtos dois anos de graduação. Para isso, a colaboração do professor Yan se fez, mais do que relevante, fundamental.

A organização desta antologia foi realizada com lucidez ao menos em relação a um aspecto: como sujeitos em início de formação acadêmica, sabemos que possuímos mais falhas que acertos, lacunas dos mais variados conhecimentos e insuficiente experiência com o papel que nesta antologia exercemos. Parto do pressuposto de que, no entanto, esses elementos não extraem todo o valor de nossa criação, seja ela teórica ou literária, e conseqüentemente não nos tira o papel de participarmos ativamente das produções realizadas dentro da Ufes.

Como graduandos, eu e os escritores dos poemas recolhidos nesta antologia estamos acostumados a observar de soslaio as publicações desenvolvidas dentro da universidade com o certo temor de quem ainda não se vê preparado para delas participar. Mesmo acreditando que, de certo, não estamos, pergunto-me se é possível fazê-lo sem os tropeços das primeiras tentativas. Espero que esta antologia se mostre com um daqueles belos quase-tropeços, dessa vez, pela viela da literatura.

Isso nos remete a um episódio de *Cidadilha*, em que o narrador nos apresenta a Rua do Fogo, de Vitória, reinventada literariamente. A obra de Santos Neves foi baseada no livro *Logradouros antigos de Vitória*¹⁰, de Elmo Elton, que, por sua vez, afirma que o caminho do cais de São Francisco até a cidade alta da vila, percorrido pelos holandeses em sua invasão, foi nomeado de Rua do Fogo pela população para, depois de séculos, receber o nome de Rua Caramuru e então desaparecer e dar lugar à outra via no início da década de 30. Segundo o narrador de *Cidadilha*, a viela recebeu seu primeiro nome devido aos acendedores de lampiões que morriam acidentalmente queimados pelas chamas de óleo de mamona das lamparinas que acendiam. Com suas roupas molhadas de óleo, os acendedores

¹⁰ ELTON, Elmo. *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

padeciam da responsabilidade de iluminar a cidade para que ela brilhasse como um presépio.

Encharcados do suor do trabalho poético (e do editorial), os autores apresentados nesta antologia procuram iluminar certo Espírito Santo – nem sempre tão belo e por muitas vezes controverso – a você, leitor.

Que ardamos todos, pois.

Fabiana Nicoli Dias¹¹

Vitória, Junho de 2019.

Referências:

DA ROS, Adrianna Meneguelli. O Capitão e o Vilão: O corpo em instável suspensão. In: BRAVOS companheiros e fantasmas: estudos críticos sobre o autor capixaba. Organização de Lino Machado, Paulo Roberto Sodré e Reinaldo Santos Neves. Vitória: Ufes, 2007. v. 2. p. 9-15.

ELTON, Elmo. *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

KOGURE, Linda; ESTEVES JUNIOR, Milton; AMARAL, Sérgio da Fonseca. Resistências e tramoias languageiras em *Cidadilha*: a cidade-ilha invertida de Luiz Guilherme Santos Neves. In: BRAVOS companheiros e fantasmas: estudos sobre o autor capixaba. v. 8. [Texto no prelo].

NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Cidadilha*: crônica inverossímil de uma cidade inexistente. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/arquivo/cidadilha/cidadilha_01.htm>. Acesso em: 20 mar. 2019.

OLIVEIRA, Luiz Romero de. Com quantas palavras se constrói uma estória? *Crônicas da insólita fortuna*, de Luiz Guilherme Santos Neves. In: BRAVOS companheiros e fantasmas: estudos críticos sobre o autor capixaba. Organização de Lino Machado, Paulo Roberto Sodré e Reinaldo Santos Neves. Vitória: Ufes, 2008. v. 3. p. 293-296.

¹¹ Fabiana Nicoli Dias cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

*Glosando espaços capixabas:
uma antologia poética baseada em Cidadiilha,
de Luiz Guilherme Santos Neves*

PARA ANIMAR TODA ESSA GENTE

Mote

Para animar toda essa gente,

Cidade pequena sempre foi
e, na lonjura de Nossa Senhora,
ficava difícil chamá-la em outrora.
Foi aí que, meu Deus, a mente iluminou.
O Carnaval de congo, a Roda criou.
Mas hoje em dia, é diferente.
Para animar toda essa gente,
A Leste-Oeste facilitou o percurso.
Trouxe assim um novo discurso,
aumentando a fé de quem n'Ela é crente.

Amanda da Silva¹²

¹² Amanda da Silva cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

LEMBRANÇA DA INFÂNCIA

Mote

Parque gostoso de brincar.

Sábado era o dia especial,
de dormir até mais tarde
e sair com muito alarde.
Do meu pai tinha o aval
de fazer o que era legal.
O recanto era para explorar:
fazer amizades, passear
nas alamedas com animais.
Moscoso, me diverti demais.
Parque gostoso de brincar.

Ana Paula Miranda Costa Bergami¹³

¹³ Ana Paula Miranda Costa Bergami é graduada em Comunicação Social (Jornalismo) e mestra em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, bem como o doutorado em Estudos Linguísticos pela mesma instituição.

RECORDAR PARA NÃO ESQUECER

Mote

Rua Uruguai: esse é o nome do meu lar.

Existe um lugar tranquilo e, ainda, antiquado
com uma rua sem saída, de casas seculares
e gatos nas janelas a mirar pássaros em pares.
Este meu pouso sagrado,
cujo tremeluzir das luzes traz a sensação do tempo parado,
dos risos que ecoaram pelo ar,
das crianças, nas calçadas, a brincar,
é testemunha ocular de gerações
que lá nasceram e firmaram tradições,
Rua Uruguai: esse é o nome do meu lar.

Ana Rosa Barbosa Boueri¹⁴

¹⁴ Ana Rosa Barbosa Boueri cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

O PALÁCIO SANTA CLARA

Mote

Com o Palácio que desapareceu!

1

Eis a história de um incrível palácio
na Santa Clara, a “Favela de Ouro”
de cima do monte, um lindo tesouro.
Casa de verão, bem no seu início,
que com o tempo mudaria de ofício.
A ninguém o palácio enalteceu,
pois com ele de tudo aconteceu:
Nestor Gomes, Governador do Estado,
até ele ficaria espantado
com o Palácio que desapareceu!

2

Feito para ser casa de verão,
era chamado “Palácio das Águias”
por causa da águia que se erguia
como enfeite do seu belo frontão,
inspirando grande admiração.
Mas vida bem curta lhe sucedeu
com o novo Governo que apareceu:
Florentino Avidos, Governador,
mudou tudo, horrorizando o Nestor,
com o Palácio que desapareceu!

3

Dias de glória viraram pilhéria
quando o orfanato da irmã Pirnay
para lá se mudou com algo mais:
um hospital de doenças venéreas,
tornando ainda mais triste esta história!
Maria Ericina, antigo ateneu,
para lá também se estabeleceu.
E o “Santa Clara” foi sendo pilhado
deixando todo mundo impressionado
com o Palácio que desapareceu!

Anaximandro Amorim¹⁵

¹⁵ Anaximandro Amorim é graduado em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo e possui especialização em Processo Civil pela instituição Estácio de Sá. Atualmente, cursa a graduação em Licenciatura Dupla Português-Francês, também pela Universidade Federal do Espírito Santo.

FOR MA ÇÃO

Mote

Qual o preço pra ficar inteligente?

1

Nair Dias Barbosa, ah... um espaço do saber,
ali no morro da Lagoa
onde se acha gente boa
disposta a te fazer crescer.
Lá eu comecei a aprender
o que de verdade é uma escola
onde você pensa e quebra a cachola:
qual o preço pra ficar inteligente?
Então, cuidado pra que ninguém acorrente
sua cabeça numa gaiola.

2

Lá você aumenta em tamanho,
cresce e ganha conhecimento,
passa a ter discernimento
da vida toma um banho.
Talvez, eu seja um completo estranho
ou só alguém com o pensamento maduro
preocupado com a nação e o futuro,
sempre com a pergunta recorrente:
qual o preço pra ficar inteligente?
Viver pra sempre preso detrás de um muro?

Arthur Nielsen Lago¹⁶

¹⁶ Arthur Nielsen Lago cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

LOCUS PACIS**Mote**

Vou às dunas, observar o céu poente,

Todo mês sete é uma euforia.
Aqui a semana não é corrida, rapaz,
o tempo passa, ninguém percebe. Sensação de paz.
Pés descalços na areia
emoção vem... Vai... me rodeia.
Vou às dunas, observar o céu poente,
danço sentindo uma energia envolvente.
Uma gota d'água salgada por meu rosto rola
e ao fundo, soando, ouço “Somente os olhos de quem chora,
são capazes de dizer o que se sente”.

Beatriz Ribeiro de Oliveira¹⁷

¹⁷ Beatriz Ribeiro de Oliveira cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

PÁSSARO DE FOGO

Mote

Vejo, da minha janela:

Terra, chuva, sol; a paisagem se desenha em aquarela.
O que formou o grande Mestre não foi o choque de um tremor,
norte e sul se confrontam através do ódio e do amor.
Vejo, da minha janela:
rochas, outrora humanos, se entregam a formas eternas.
Há quem diga que a paixão se apagou,
mas índio Guaraci disse que ave voou,
levando Moxuara e Mestre Álvaro ao encontro do romance rasgado.
Momento intenso esperado por dois corações separados,
rendidos à esperança do reencontro, pois ave neste ano ainda não voejou.

Bruna Simon¹⁸

¹⁸ Bruna Simon Gomes da Silva cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

18 DE MAIO, 1973**Mote***Toda rua tem nome de homem*

Passagem digna de Divina Comédia — muito embora sem rima ou métrica:
em 18 de maio de 1973, Araceli fora torturada
estuprada desfigurada assassinada abandonada.
Seu corpo: roupagem cadavérica.
espírito santo tá mais pra ciclo infernal: história amnésica
mantenedora de um dos roteiros mais indigestos
da época do pau-de-arara, choque elétrico e comandantes funestos
responsáveis por narrativas que nos consomem.
Toda rua tem nome de homem
num país parido por estupros genocídios e sequestros.

Evandro Ramos¹⁹

¹⁹ Evandro Ramos é graduado em História pela Faculdade Saberes. Atualmente, cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, bem como o mestrado em Letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo.

ILHA DA PÓLVORA

Mote

*Pois casa de Omulu é esse asilo
e o barro de Adão jaz quebradiço,
boiando no mar da Ilha da Pólvora.*

1

O dobrar dos sinos anuncia
o aproximar da velha jangada
transportando a pestilenta carga
de infelizes trazidos da baía,
cujas posses na pira incendia
erguendo o manto que oculta à aurora,
acenando aos que saíam da orla.
Pois a casa de Omulu é esse asilo
e o barro de Adão jaz quebradiço,
boiando no mar da Ilha da Pólvora.

2

Um por um da jangada descia,
membros inchados, face pocada,
dedos ausentes e alma quebrada,
cheirando a dejetos, maresia,
óleo, mofo, fumaça, e carniça,
são os fedores que a lepra aflora,
é a esperança que a lepra devora.
Pois a casa de Omulu é esse asilo
e o barro de Adão jaz quebradiço,
boiando no mar da Ilha da Pólvora.

3

Em sua repulsiva moradia,
e com a chaulmoogra a gota contada
ou alguma outra forma adequada
de se manter a profilaxia,
restava apelar à romaria.
É aos poucos que seu corpo destroça,
quem veio do pó ao pó retorna.
Pois a casa de Omulu é esse asilo
e o barro de Adão jaz quebradiço,
boiando no mar da Ilha da Pólvora.

Fabiano de Luna Fonseca²⁰

²⁰ Fabiano de Luna Fonseca cursa a graduação em Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo.

ROD'ÁGUA

Mote

*No gingado, pulsa o fervor
à Santa, rainha do congo*

1

Pedaço d'África, na ribeira
do Tupi. Guarani... matas
donde as folhas secas - mulatas -
dos pés de bananeira
forjam saias pra padroeira
dançar pra casaca e pro tambor.
No gingado, pulsa o fervor
à Santa, rainha do congo
de roda, colorido e longo
molejo. Dança! Clamor...

2

À Santa, rainha do congo
de Rod'água, ecoando resiste
o canto do povo, que insiste
se ofertar no chão fecundo.
Dele brota o suave estrondo
que o mestre da banda orquestra
para até Iaiá gingar na seresta.
No gingado pulsa o fervor
à Vida, delicado louvor
que gira em tons, cores e festa.

Francisco Quenupe²¹

²¹ Francisco Leandro Quenupe Campos cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

NOVA VILA DE VILA VELHA

Mote

Gritou e gritou na Nova Vila de Vila Velha.

Avoada, a pipa cortada caía.
Veloze voavam os pivetes
visualizando, vorazes, os filetes
da rabiola que o vento esculpia.
Da pipa valorizada pela conquista, se fez valentia:
um pivete invadiu, d'uma casa, o alto da telha
onde via-se a pipa avoada na calha.
Quebrado o telhado, o pivete saiu vazado!
Vingativo, o morador quebrou a pipa, e revoltado
gritou e gritou na Nova Vila de Vila Velha.

Gabriel Bravim²²

²² Gabriel Bravim Rodrigues cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

PONTA DA FRUTA

Mote

Tomando de volta à força os seus domínios.

Onde se vê muito o mar,
uma praia secreta e uma vila de pescadores
com pequenos barcos de exploradores
só pode ser um lugar tranquilo para morar.
Iluminado pelas luzes amarelas e o luar,
geminam da terra modernos condomínios
restando às dores apenas o extermínio.
Por isso, o mar avança cada vez mais
não por culpa sua e sim dos demais,
tomando de volta à força os seus domínios.

Geyciane Scardua²³

²³ Geyciane Scardua cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

TRABALHA E (DES)CONFIA

Mote

Na Praça Chico Prego.

Francisco de São José, chefe da Insurreição,
Chico Prego, escravo da sinhá Ana Maria,
que pelo Frei a liberdade lhe prometeria:
trabalhe e tome a carta de alforria, cristão.
Escravo enganado, que lidere a rebelião!
Em São José do Queimado, entrego
o que a morrer sem ego disse: eu me alegro!
Em Serra Sede, enforcado,
hoje, com uma estátua homenageado,
na Praça Chico Prego.

Isadora Pissarra Gobetti²⁴

²⁴ Isadora Pissarra Gobetti cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

PRAIA DA BALEIA

Mote

Baleia que esguicha não evita arpão.

1

Pescadores de uma aldeia
saíram com seus barcos para pescar,
foi quando se depararam, em alto mar,
com uma gigante baleia,
que estava passeando alheia.
Vendo o navio se aproximar a baleia sentiu em seu coração
que precisava fazer algo e fechou os olhos em oração.
Após uma grande inspiração deu uma esguichada,
isso assustou os pescadores, por isso fora atacada:
baleia que esguicha não evita arpão.

2

Aquela quem decide o destino de todos que entram no mar,
sentiu-se culpada por ter chegado atrasada,
foi então que Iemanjá decidiu que a baleia merecia ser homenageada.
Olhou com piedade para aquela pobre mãe baleia — que azar!
a transformou em pedra na beira-mar,
para que toda a aldeia pudesse sentir compaixão
daquela família desfalcada, que merecia aclamação.
E todo ano seu filhote visitava
a praia com o monumento de sua mãe e lamentava:
baleia que esguicha não evita arpão.

Jéssica Adriana Araújo Salvattori Ferreira²⁵

²⁵ Jéssica Adriana Araújo Salvattori Ferreira é graduada em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, cursa a graduação em Licenciatura Dupla Português-Espanhol pela mesma instituição.

ARRITMIA NOTURNA

Mote

Afoguei meus horrores em copos sujos de lama.

Tranquilidade aparente na alvorada,
transveste-se de boemia soturna, pudicos jovens e inebriantes luzes.
A tu seduzes.
Não seja tolo de perder-se nessa cilada,
a rua não está mais enlameada.
Tragávamos amores e bebíamos o tempo, enquanto calçadas eram feitas de cama,
não encare a vida como um grande drama.
Saberei viver após mais uma garrafa, um beijo trocado com voraz intensidade,
essa sempre foi minha favorita atividade.
Afoguei meus horrores em copos sujos de lama.

João Victor Sales²⁶

²⁶ João Victor Sales de Oliveira cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

LARANJ_SEM EIRA NEM BEIRA

Mote

*Logradouro com Machado e Alencar, sobre letras patina.
Na outra quadra Renoir, Portinari e Isabel, caminhando.*

1

No Planalto, não o Central, o do ES, em Serra, verá
na fazenda das laranjas chão batido, sem videira.
Lugarejo onde a vida passa e para, quase mineira.
No passado só brincar, pedalar, correr e sarará...
Tempo de reuniões, terra vermelha, lavadeira, escovão, cera.
Comunidade a festejar junto com crianças gritando e aros girando.
Livros, todos em broto, chegando, separando, criando, se orgulhando.
Biblioteca Comunitária primeira na América Latina.
Logradouro com Machado e Alencar, sobre letras patina.
Na outra quadra Renoir, Portinari e Isabel, caminhando.

2

Agora sem laranja, brincadeira, só loucura.
Correria na Central, ponto principal dos rancos, das borrachas e faladeira.
Livros embolorados, quanta cegueira.
Desenhos de carbono, sujeira, gastura.
Infância nas janelas - aros parados e pouca cultura.
Comunidade se calando, nem pensando, só gastando.
Ao longe o Mestre alvo, avaliando.
Cenário sem posto, sem rosto, um orto morto, sem retina.
Logradouro com Machado e Alencar, sobre letras patina.
Na outra quadra Renoir, Portinari e Isabel, caminhando.

Lilian Chagas Barbosa Pigatti²⁷

²⁷ Lilian Chagas Barbosa Pigatti é pós-graduada em Estudos Linguísticos e graduada em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, cursa a graduação em Licenciatura Dupla Português-Espanhol pela mesma instituição.

MORRO DA PENHA

Mote

A quem em meio às nuvens zela com imensa glória.

Nas margens da pequena enseada,
a Fé brilha no olhar
de milhares que chegam a rezar
para a guardiã da colina sagrada
que no alto escolheu sua morada.
Devotos e romeiros repletos de alegria,
saudosos em louvar a Virgem Maria,
sobem a penitência ao seu encontro
com homenagem ou agradecimento
a quem em meio às nuvens zela com imensa glória.

Luan Coradini²⁸

²⁸ Luan Coradini Massanti cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

ESTRADA DO BONDE

Mote

*Em meio ao mangue, estrada do bonde,
passarela velha que leva a uma vila emergente.*

1

Sem ponte do príncipe e sem deputado
o canela verde seguia as rotas por dois governantes nomeadas.
Para o outro lado, só por cima de cinco pontes entrelaçadas.
De Caxias à ponte, ficava cansado.
Passando por Jerônimo Monteiro encontrava um terreno alagado.
Enfim, a cidade imponente
e um grande mercado repleto de gente.
“Desça na fonte onde a onça se esconde”.
Em meio ao mangue, estrada do bonde,
passarela velha que leva a uma vila emergente.

2

O tal Jerônimo, de Cachoeiro, foi sempre bem votado.
Com seu projeto pretendia ver escolas erguidas
e a algazarra com a máquina pública tornou reorganizadas.
Além de governador e senador, laborou como advogado.
Mudou-se para São Paulo, quando por Muniz Freire foi derrotado.
Para alçar cargos mais altos demonstrou ser insistente,
fez aliança com Afonso Pena, do Brasil sexto presidente.
Mesmo com nova ponte, passo pela Chácara do Conde,
em meio ao mangue, estrada do bonde,
passarela velha que leva a uma vila emergente.

Marcos Vinicius de Paula Siqueira²⁹

²⁹ Marcos Vinicius de Paula Siqueira é bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Espírito Santo e pós-graduado em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Atualmente, cursa a graduação em Licenciatura Dupla Português-Espanhol pela mesma instituição.

A VIDA, A MULHER E O CÉU

Mote

Naquele lugar que só entra quem é fiel?

Um caminho florido me guia
e eu vejo o sentido
que por uma vida foi garantido,
essa vida que descobri um dia.
Aquele monumento de concreto podia?
Podia me ajudar a chegar ao céu
e tem a ajuda daquela mulher de véu,
que no fundo bem alto da Catedral está,
aquela imagem tão bela me leva a sonhá,
naquele lugar que só entra quem é fiel?

Rodrigo Kill³⁰

³⁰ Rodrigo Kill Gonçalves cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

A FONTE

Mote

*D'aurora até a hora de dormir,
é a fonte de todo o procurar.*

1

Na rua do último dos profetas
do bairro de pessoas esquecidas,
escondida entre diversas feridas,
resiste a mercearia Planeta.
Suas prateleiras se encontram repletas
do necessário pra continuar
a viver e existir neste lugar
onde o tempo segue sem intervir.
D'aurora até a hora de dormir,
é a fonte de todo o procurar.

2

Há pessoas que acham o que comer,
somente aquilo que a elas sustentam.
Há pessoas que encontrar ali tentam
um algo além do que está pra vender.
Essas pessoas não sabem querer
somente aquilo que julgam faltar;
essas pessoas procuram encontrar
um algo a mais que não sabem sentir.
D'aurora até a hora de dormir,
é a fonte de todo o procurar.

Rodrigo Sarter Sodré³¹

³¹ Rodrigo Sarter Sodré cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

ESTRUTURAS VIOLENTAS

Mote

Aos resquícios de uma colonização.

Há quem passe pela rua Dom Pedro II, sem se atentar
aos resquícios de uma colonização
entremeados pela construção
em requintados prédios de amedrontar.
Gama, Cabral, São Pedro e Colombo: nas fachadas a ostentar.
Para que homenagear o colonizador,
que por meio da dor
aos índios e negros nestas terras a ferir
não deveriam nem nome de rua possuir.
E mesmo assim continuam por aqui, pelo empreendedor bajulador.

Rhuan Cruz³²

³² Rhuan Cruz Barros cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

A ENSEADA DOS PESCADORES

Mote

Da beira-mar à mesa.

Novo dia nasceu na ilha do mel.
Na curva, o pescador joga a sua rede.
Ele vibra: “o mar está pra peixe”.
A rede é puxada por Abel,
que, contemplando o céu,
pega a presa, sem destreza.
Chegando em casa com “ar” de nobreza,
o filho será alimentado.
Após dois dias passados,
da beira-mar à mesa.

Sávio Henrique Alves Escobar³³

³³ Sávio Henrique Alves Escobar cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

MAR AZUL I

Mote

*Nos caminhos meus, o dia passa,
carrego assim, no âmago do pensamento, a saudade viva
desse labirinto de concreto e de nome imenso.*

1

Nos caminhos meus, o dia passa,
e a saudade ecoa longe pelo inverso do som,
atravessando as gaiolas do condomínio marrom.
Na memória, o repouso infinito do Abismo me abraça
e toca todo o corpo, compulsando-o que se refaça.
O sol despertava na beira da varanda lá em cima,
aquecia o frio numa troca tácita e logo partia,
deixando seus rastros de luz dançando com o vento.
Desse labirinto de concreto e nome imenso,
carrego assim, no âmago do pensamento, a saudade viva.

2

No Mar Azul há gente sempre buscando uma saída,
e demarcando o chão, toda a gente se esbarra,
se encontra e se encara, sem se notar.
Mas há quem te acolha num sopro de vida,
carrego assim, no âmago do pensamento, a saudade viva.
Nos caminhos meus, o dia passa,
e os laços feitos nessa passagem eterna saltam,
vivificando como um resgate de pensamento,
desse labirinto de concreto e nome imenso.
No agora, de cada parede, o narrador é quem fala.

3

Amargo é quando ainda há muito a fazer.
Nos caminhos meus, o dia passa,
sem o sol a despertar na varanda de casa.
Deixar o Mar Azul era como amadurecer,
quando se observa e não é capaz de se reconhecer.
E, por fim, reparo quantas recordações em tão pouco tempo,
a maioria me atento e lembro, outras nem tanto, invento
quando a imagem e o som a poesia é quem cria.
Carrego assim, no âmago do pensamento, a saudade viva
desse labirinto de concreto e de nome imenso.

Thayná Cruz Neves³⁴

³⁴ Thayná Cruz Neves cursa a graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo.

CIDADE DE DEUS

Mote

“Cidade de Deus” é o meu nome para os sem teto.

Eu exsudo um odor cru
de lixo fresco
temperado de medo
e apreciado por urubus
meu nome faz jus
ao meu firmamento:
gás Metano em excesso
foi a minha gestação
apelidado de “Antigo Lixão”
“Cidade de Deus” é o meu nome para os sem teto.

Thaynara Souza Batista³⁵

³⁵ Thaynara Souza Batista cursa a graduação em Licenciatura Dupla Português-Italiano pela Universidade Federal do Espírito Santo.

UMA FERROZ EXPERIÊNCIA SINGULAR

Mote

*Honrando: Docete omnes gentes,
ou “ensinai todas as pessoas”.*

1

Começou com meu amor pelo céu.
Me trouxe motivado a ela,
deu início a essa novela.
Falhei, improdutivo, ao léu:
provas, ansiedade, fogaréu.
Já mal acusada de balbúrdias,
me educou, me deu aventuras.
Grandes docentes inteligentes
honrando: *Docete omnes gentes*,
ou “ensinai todas as pessoas”.

2

Hoje te vejo ameaçada
por quem te julga e não conhece,
gente de opinião precoce.
O medo de te ver esquecida,
que hora venha a despedida.
Maior é a fé que as insanas
tormentas serão sobrepujadas,
mantendo ensinamentos, artes,
honrando: *Docete omnes gentes*,
ou, “ensinai todas as pessoas”.

*Thomas Ventura De Nardi*³⁶

³⁶ Thomas Ventura De Nardi cursa a graduação em Licenciatura em Física pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Editor

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples)

Projeto gráfico

Fabiana Nicoli Dias

Capa

Mariana Simões – Supecc-Ufes

Revisão

Dos autores

Catálogo

Saulo de Jesus Peres – CRB 12/676